

Que fatores condicionam a resolução anafórica de objetos nulos e clíticos em português europeu? Um estudo de corpus

Esther Rinke¹, Nelli Kerezova¹

¹Goethe University Frankfurt

Resumo

Com base num estudo de corpus, este artigo examina o papel de diferentes fatores pragmáticos para a escolha do antecedente de um objeto nulo ou um clítico no português europeu. Os resultados mostram que tanto os objetos nulos quanto os pronomes clíticos são marcadores de alta acessibilidade, referindo-se a referentes recentemente e explicitamente mencionados no discurso, tal como os sujeitos nulos. No entanto, diferem dos sujeitos nulos na ausência de cadeias referencias prolongadas e ininterruptas, o que implica que os objetos nulos e os clíticos de objeto têm uma função pragmática e referencial distinta dos sujeitos nulos. Também mostramos que tanto os objetos nulos como os clíticos se referem preferencialmente a antecedentes com a função sintática de objeto. Isso indica um paralelismo sintático que é ligeiramente atenuado no caso dos objetos nulos. Finalmente, o facto de tanto os objetos nulos como os clíticos coocorrerem com sintagmas nominais sujeito indica que um sujeito realizado na mesma frase não intervém na ligação referencial e que os objetos nulos e clíticos representam alternativas sintáticas.

Palavras-chave: Objetos nulos, clíticos, acessibilidade, estudo de corpus, resolução anafórica.

Abstract

Based on a corpus study, this paper examines the relevance of pragmatic factors for the choice of the referent of a null object or a clitic in European Portuguese. The results show that both null objects and clitic pronouns are markers of high accessibility like null subjects, referring to referents recently and explicitly mentioned in discourse. However, they differ from null subjects in the absence of prolonged and uninterrupted reference chains, implying that null objects and object clitics have a distinct pragmatic and referential function from null subjects. We also demonstrate that both null objects and clitics preferably refer to antecedents with the syntactic function of an object, a syntactic parallelism that is only slightly attenuated in the case of null objects. Finally, the co-occurrence of both null objects and clitics with subject noun phrases indicates that a realized subject in the same sentence does not intervene in referential binding, and that null objects and clitics represent syntactic alternatives.

Keywords: Null objects, clitics, accessibility, corpus study, anaphoric resolution.

1. Introdução

Os objetos definidos nulos (1b) do português europeu (PE) são um fenómeno sintático muito estudado. Muitos estudos tratam da sintaxe da construção do objeto nulo (Barbosa, 2019; Kato & Raposo, 2005; Raposo, 1986, 2004), bem como da aquisição de objetos nulos por crianças monolíngues e bilingues (Costa & Lobo, 2007; Rinke *et al.*, 2019, etc.). Neste artigo discutimos a questão de que fatores pragmáticos determinam o uso de um objeto nulo e um clítico pronominal.¹ Estudos anteriores mostraram que objetos nulos são mais comuns

¹ Neste estudo, centramo-nos nos clíticos não-reflexos, uma vez que os reflexos diferem dos outros pronomes de objeto em termos das suas propriedades referenciais, porque estão sempre ligados localmente na mesma frase.

no registo falado e coloquial, enquanto os clíticos não mostram tal restrição (Rinke *et al.*, 2018). Além disso, a animacidade do referente também pode desempenhar um papel relevante. Como foi mostrado por Rinke (submetido) com base num estudo de aceitabilidade, os objetos nulos tendem a referir-se a referentes não animados, enquanto os clíticos não apresentam nenhuma preferência em relação à animacidade.

Poucos estudos analisam as condições pragmáticas que determinam o uso de objetos nulos. Basicamente, os objetos nulos ocorrem em contextos pronominais em que o referente correspondente é dado ou pode ser inferido a partir do contexto discursivo. Os objetos nulos variam nestes contextos com os pronomes clíticos (1a) (ver Costa *et al.*, 2009).

(1a) Comprei aquele livro e **dei-o** à Maria.

(1b) Comprei aquele livro e **dei** __ à Maria. (Costa *et al.*, 2009, p. 145)

No que diz respeito à variação de clíticos de objeto e de objetos nulos, apresentada em (1a, 1b), coloca-se a questão de saber quais os fatores que determinam mais ou menos a escolha de uma ou outra forma. Neste artigo, discutiremos vários fatores com base em dados de um corpus espontâneo do PE. Na secção 2, começamos por discutir mais detalhadamente o conceito de acessibilidade e apresentamos vários fatores que têm sido propostos na literatura como determinantes da acessibilidade. Com base nisto, formularemos as nossas questões de investigação e hipóteses na secção 3. A secção 4 descreve a metodologia e os resultados do estudo do corpus. Na secção 5, discutiremos os resultados do estudo e, na secção 6, faremos uma síntese.

2. Fatores determinantes de acessibilidade

A escolha entre diferentes expressões referenciais depende da acessibilidade do referente discursivo, ou seja, do grau de facilidade ou dificuldade de recuperar da memória um referente (Ariel, 1988, 1990). As expressões referenciais, como os sintagmas nominais completos, os pronomes e também as formas zero, são marcadores especializados de acessibilidade, que diferem no grau de acessibilidade do referente. Os sintagmas nominais completos referem-se a referentes menos acessíveis, que estão mais distante no discurso, são menos proeminentes ou mais ambíguos. Os pronomes, por outro lado, tendem a referir-se a referentes acessíveis que estão relativamente próximos no discurso, mais proeminentes e referencialmente identificáveis (ver a "Hierarquia de Acessibilidade" de Ariel (1988, 1990)). De acordo com Ariel (1991), a acessibilidade relativa (grau de acessibilidade de diferentes marcadores em comparação uns com os outros) está universalmente disponível de acordo com a hierarquia de acessibilidade. Por outro lado, as línguas podem diferir em termos de acessibilidade absoluta, ou seja, no que diz respeito às diferentes características associadas a uma determinada expressão nominal. Ela depende das tipologias lexicais específicas da língua. Por exemplo, numa língua sem objetos nulos e sem clíticos (por exemplo, inglês ou alemão), outros pronomes vão referir-se aos referentes mais acessíveis. Em princípio, quanto mais acessível for um referente, mais reduzida será a forma referencial utilizada. No que diz respeito às formas pronominais, isto significa que os pronomes acentuados se referem a referentes menos acessíveis do que os pronomes átonos e que os pronomes átonos se referem a referentes menos acessíveis do que as formas não expressas. No que diz respeito aos clíticos de objeto e aos objetos nulos, é portanto de esperar que ambas as formas se referem a referentes muito acessíveis. No entanto, também é possível que encontremos diferenças subtis entre as formas e que os clíticos - embora eles próprios representem formas fonologicamente reduzidas - se refiram a referentes menos acessíveis do que os objetos nulos. Pretendemos testar esta hipótese num estudo de corpus utilizando os seguintes fatores de codificação propostos na literatura: a função sintática do antecedente, a menção explícita e recente do antecedente, a realização ou omissão do sujeito na mesma frase e a disponibilidade contínua de um referente.

2.1. Função sintática do antecedente

A função sintática de um referente está correlacionada com a sua acessibilidade. Assume-se geralmente que a posição de sujeito é atribuída a referentes mais proeminentes e com um grau de acessibilidade mais elevado do que a posição de objeto (Ariel, 2001). Os referentes de sujeitos são, portanto, geralmente mais acessíveis do que os referentes de objetos (Arnold *et al.*, 2000; Brennan *et al.*, 1987, 1995; Givón, 1983).

Assim, é de esperar, por exemplo, que os pronomes nulos sejam mais suscetíveis do que os pronomes plenos de se referirem a antecedentes do sujeito do que a referentes do objeto. Isto é ilustrado para os sujeitos nulos através do seguinte exemplo.

(2) O *rapaz_i* cumprimentou o *avô_j* quando *pro_i / ele_j* chegou a casa. (Lobo & Silva, 2016)

O sujeito nulo na oração subordinada em (2) tende a referir-se ao sujeito da oração principal precedente (= continuidade tópica, *topic continuity*), enquanto o pronome sujeito explícito e enfatizado tende a referir-se ao objeto (= mudança tópica, *topic shift*), ver Calabrese (1986), Caminati (2002).

No entanto, para além da proeminência do sujeito, existe uma tendência parcialmente oposta, nomeadamente a de os pronomes átonos se referirem a um referente precedente com a mesma função sintática ("paralelismo sintático", ver Sheldon, 1974, Grober *et al.*, 1978). No exemplo (3a), o pronome sujeito (*he*) refere-se ao sujeito da frase anterior (*Josh*), enquanto o pronome objeto (*him* em (3b)) refere-se ao referente objeto da frase anterior (*Paul*).

(3a) *Josh* criticized Paul and then *he* insulted Marie. (he = Josh)

(3b) Josh criticized *Paul* and then Marie insulted *him*. (him = Paul) (Chambers & Smyth, 1998, p. 594)

Chambers e Smyth (1998) fornecem provas experimentais da função de paralelismo dos pronomes sujeito e objeto em inglês, mostrando que as ligações anafóricas entre entidades realizadas em papéis paralelos são favorecidas e os papéis não paralelos são desfavorecidos.

No que diz respeito aos objetos nulos, o fenómeno da função paralela foi ilustrado pela primeira vez por Arnold (2003, p. 235) com base em objetos nulos em mapudungun. Como mostra a autora, os objetos nulos ('null') referem-se principalmente a referentes de objetos.

Para a ligação dos objetos nulos em Mapudungun aos referentes precedentes, o paralelismo sintático é, portanto, mais importante do que a proeminência do referente sujeito.

Parece que a relação entre a proeminência da posição do sujeito e a acessibilidade do referente não segue uma regra rígida. O fenómeno do 'paralelismo sintático' destaca que a escolha dos pronomes pode ser impactada por fatores sintáticos, mesmo quando esses fatores contradizem a expectativa geral de acessibilidade. Esse aspeto acrescenta uma camada de complexidade à tomada de decisão em relação às expressões referenciais na língua.

2.2. Menção explícita e recente do antecedente

De acordo com Costa *et al.* (2009), os objetos nulos do PE requerem um antecedente discursivo saliente. Assim, são licenciados em contextos como (4a), em que o referente discursivo ('o teu carro') é mencionado diretamente numa frase anterior. Em contextos como (4b), por outro lado, um objeto nulo não é pragmaticamente legitimado, uma vez que não há um referente discursivo disponível no contexto imediato.

(4a) E o teu carro? Tive de levar __ para a oficina.

(4b) Estás com ar chateado. / #Tive de levar __ para a oficina.

O facto de a menção explícita e recente do referente aumentar a probabilidade de um objeto nulo em PE foi também confirmado num estudo de produção com 41 crianças de 3 a 9 anos (45 a 116 meses (média: 67,9; DP: 19,5) (ver Flores *et al.*, 2020). O desenho do estudo foi adotado de Sopata (2016) e adaptado para o PE. As crianças viram uma sequência de imagens num ecrã de computador. Após um breve contexto introdutório, um boneco fazia uma pergunta à criança que continha ou não continha o referente do objeto direto que a criança tinha de usar na sua resposta (condição imediatamente acessível, "IA" ou condição não imediatamente acessível, "NIA"). A resposta da criança era registada.

Figura 1. Item experimental do estudo de Sopata (2016)



Contexto dado:

No jardim da avó havia uma macieira com uma maçã vermelha e muito apetitosa. O João queria muito provar essa maçã.

Condição 1 - Referente não imediatamente acessível (NIA)

Boneco: O que é que o João fez?

Condição 2 - Referente imediatamente acessível (IA)

Boneco: O que é que o João fez então com a maçã?

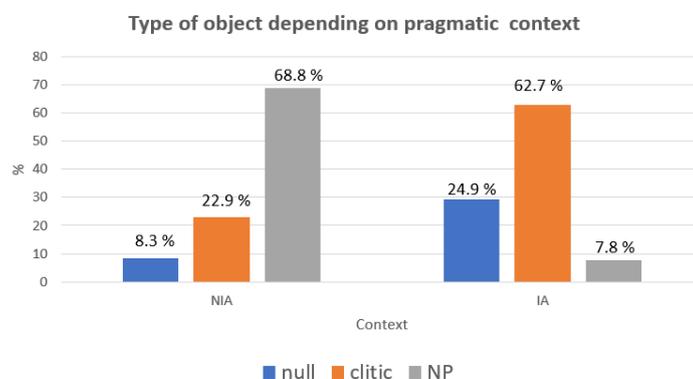
No que diz respeito à condição 2, esperava-se que as crianças utilizassem objetos pronominais (clíticos ou objetos nulos) na sua resposta em vez de sintagmas nominais completas (SN, ver exemplo (5)).

(5) *Boneco:* E o que é que o João fez então com a maçã? (Referente imediatamente acessível (IA)

Resposta: (Ele) apanhou __ / - a.

Os resultados para as crianças mais velhas (entre os 7 e os 9 anos) mostram, de facto, um efeito pragmático: na condição em que o referente do objeto foi mencionado na pergunta imediatamente anterior ('IA'), as crianças produziram significativamente menos SNs completos ('NP') e mais objetos pronominais, principalmente clíticos ('clitic') mas também objetos nulos ('null').

Figura 2. Realização do objeto em função do contexto pragmático (Flores *et al.*, 2020)



Os resultados do teste confirmam o efeito esperado de que os objetos menos acessíveis tendem a ser realizados por SNs completos, enquanto os objetos mais acessíveis são realizados por formas pronominais reduzidas (clíticos) e nulas (objetos nulos). Resta saber se os objetos nulos e os clíticos diferem no que diz respeito à menção aberta e recente do antecedente no discurso espontâneo.

2.3. Concorrência / Intervenção

A acessibilidade de um referente é também determinada pela presença de um outro antecedente na mesma frase, ou seja, por competição ou intervenção (Ariel, 2001; ver O'Brien & Albrecht, 1991, para tarefas experimentais). Clancy (1980) examinou versões do filme *Pearl Story* produzidas por 20 falantes de inglês e 20 falantes de japonês. O seu estudo mostra que, em ambas as línguas, a elipse do sujeito é produzida preferencialmente quando não há sintagmas nominais intervenientes entre a anáfora e o antecedente. Quando um SN interveniente está presente, as formas lexicais têm maior probabilidade de serem produzidas do que as formas nulas. Isto mostra que a presença de um SN interveniente restringe a acessibilidade do antecedente.

Sigurdsson (2011) observa um efeito semelhante no sueco, onde a realização de um objeto nulo é afetada pela presença do sujeito. O sueco permite a queda do objeto (na posição inicial da frase) quando o sujeito é realizado como um clítico (6b), mas não quando ocorre como um pronome acentuado (6a).

- (6a) ?? __ Kan *jag* inte veta.
(isso) posso eu não saber
- (6b) __ Kan'*ja* inte veta.
(isso) posso eu_{CL} não saber
'Isso não posso saber.' (Sigurdsson, 2011, p. 291)

De acordo com Sigurdsson (2011: 291), os objetos nulos devem ser ligados na periferia esquerda (*C/edge linked*). Um pronome sujeito acentuado ou um sujeito SN interveniente inibe o movimento e a ligação do objeto na sua posição de base (posição vP-interna).

- (7) ??[_{CP} ... {CLn} ... [_{TP} subj ... Ø(obj) ...]

Em polaco - uma língua que, tal como o PE, tem sujeitos e objetos nulos - a realização de um objeto nulo também interage com a realização do sujeito. Em contextos em que tanto o sujeito como o objeto são tópicos

familiares, os objetos nulos não podem coocorrer com pronomes sujeitos explícitos ou sujeitos SN (8a), mas apenas com sujeitos nulos (8b) (Sopata, 2017). Este efeito não ocorre quando a frase contém um sujeito nulo (8b) ou o objeto é realizado como um pronome clítico (8c).

(8) Co Jan zrobił z lodem? 'O que é que o Jan fez com o gelado?' (Sopata, 2017, p. 97)

(8a) **On zjadł* ____.
 Ele comeu^{3rd}_{SG masc}
 'Ele/Jan comeu-o.'

(8b) ____ *Zjadł* ____.
 comeu^{3rd}_{SG masc}
 'Ele comeu-o.'

(8c) *On zjadł go*.
 ele comeu^{3rd}_{SG masc OCL}
 'Ele comeu-o.'

Sopata (2017) segue Sigurdsson (2011) ao assumir que a ligação do objeto nulo em polaco só é possível se o sujeito for realizado como um sujeito nulo, ou seja, se não houver pronome acentuado ou SN sujeito interveniente.

(9) [_{CP}...1FamTop... 2FamTop...[_{TP} Ø–Tφ... Ø (obj)].. (Sopata, 2017, p. 97)

Embora o mecanismo de ligação de objetos nulos postulado por Sigurdsson (2011) se deva aplicar a objetos nulos ligados ao discurso independentemente da língua, um efeito semelhante ainda não foi descrito para o PE. É, portanto, uma questão em aberto se um sujeito pronominal ou um SN sujeito realizado na mesma frase tem influência na realização de objetos nulos em PE.

2.4. Persistência do tópico e acessibilidade futura

Como já foi referido, as expressões nominais são consideradas marcadores de acessibilidade que codificam o grau atual de acessibilidade de um referente no discurso. Ao mesmo tempo, também contribuem para a acessibilidade futura, conforme argumentado por Ariel (2001). Este pressuposto remonta a Givón (1983), que propõe que os referentes mais importantes são não só tipicamente mais acessíveis anaforicamente, mas também mais persistentes cataforicamente. A persistência catafórica ou persistência tópica refere à probabilidade de um tópico permanecer no discurso. Isto significa que os referentes mais acessíveis são também particularmente adequados para referências futuras, ou seja, para serem retomados no discurso seguinte. No nosso caso, será relevante verificar se os clíticos de objeto ou os objetos nulos, que são ambos marcadores de alta acessibilidade, são mais persistentes cataforicamente, ou seja, se um referente permanece no discurso depois de ser realizado por um CL/NO e continua a ser realizado por um marcador de alta acessibilidade.

Resumindo esta secção, identificámos vários fatores que presumivelmente contribuem para a acessibilidade de um referente e que podem servir como critérios para verificar se os clíticos e os objetos nulos diferem no que diz respeito à acessibilidade dos referentes a que se referem. Com base na hierarquia de acessibilidade de Ariel (1988, 1990), esperamos que os objetos nulos se refiram a referentes mais acessíveis do que os pronomes clíticos de objeto. No entanto, reconhecemos a possibilidade de que as diferenças podem ser graduais ou mesmo inexistentes, considerando a forma fonologicamente reduzida dos clíticos. Portanto, consideraremos os seguintes critérios no nosso estudo de corpus: a) a função sintática do antecedente, b) a menção explícita e recente do antecedente-referente, c) a realização ou omissão do sujeito na mesma frase e d)

a continuação da referência. Estes critérios são fundamentais para a compreensão das escolhas referenciais entre clíticos e objetos nulos em PE.

3. Questões de investigação

Em concreto, procuramos responder às seguintes questões de investigação:

RQ1: *Qual é a função sintática preferida dos antecedentes de objetos nulos e clíticos de objeto em PE?*

De acordo com os resultados dos estudos anteriormente mencionados existem duas opções possíveis para os objetos nulos: ou uma tendência para os objetos nulos se referirem a referentes de sujeito (= referentes altamente acessíveis, tópicos prototípicos) ou para preferirem antecedentes de objeto (= paralelismo estrutural).

As mesmas opções existem para os clíticos. Também neste caso está em aberto se tendem referir-se a referentes com função de sujeito ou objeto.

Se as duas formas se comportam de forma diferente, e se houver algum tipo de divisão de trabalho entre objetos nulos e clíticos, esperamos que os objetos nulos mostrem uma preferência para referir-se a referentes de sujeito e os clíticos a referentes de objeto.

A segunda questão de investigação diz respeito à menção prévia e explícita do antecedente.

RQ2: *A realização de um objeto nulo ou de um clítico no nosso corpus é mais provável (ou mesmo apenas lícita) quando o antecedente é prévia e abertamente realizado por um referente altamente informativo (SN completo)?*

Esperamos que a realização de um objeto nulo é mais provável quando o antecedente é prévia e abertamente realizado. Os clíticos, como elementos fonologicamente fracos, também devem mostrar uma preferência de se referem a referentes altamente informativos e recentemente mencionados.

Se houver diferenças entre os clíticos e os objetos nulos, esperamos esta tendência ser menos espessa para os clíticos do que para os objetos nulos.

RQ3: *A realização do objeto nulo ou do clítico interage com a realização do sujeito no PE?*

Se a ligação *C/(edge)-linking* for um mecanismo relevante em PE, tal como o é em sueco ou polaco, podemos encontrar um efeito da realização do sujeito no licenciamento de objetos nulos, no sentido em que um objeto nulo pode ser mais provável ou mesmo só lícito quando o sujeito não é expresso.

No caso dos clíticos, não esperamos um efeito de intervenção, uma vez que não é assumido que os clíticos se ligam a um tópico nulo. A última questão de investigação diz respeito à persistência do tópico ou à acessibilidade futura.

RQ4: *O referente de um objeto nulo ou de um clítico permanece no discurso (persistência do tópico) e, em caso afirmativo, de que forma a cadeia referencial é continuada (nulo vs. explícito; objeto vs. sujeito)?*

Esperamos que os referentes dos objetos nulos como marcadores de alta acessibilidade permaneçam no discurso e formem cadeias referenciais relativamente longas (como é típico dos sujeitos nulos; Frascarelli, 2007).

Para os clíticos, que também são marcadores de alta acessibilidade, esperamos que também podem formar cadeias referenciais.

No entanto, é possível que haja diferenças entre as duas formas no que diz respeito à persistência do tópico e à acessibilidade futura, com os clíticos potencialmente mantendo uma cadeia referencial mais curta ou sendo reintroduzidos de forma diferente.

Em síntese, estas questões de investigação visam fornecer uma compreensão mais profunda dos fatores pragmáticos que determinam a referência dos objetos nulos e clíticos de objeto no PE, explorando a preferência sintática, a influência da menção explícita do antecedente, a interação com a realização do sujeito e a persistência do tópico. Passaremos agora à análise de corpus para investigar empiricamente estas questões.

4. O estudo de corpus

A base de dados é constituída por um corpus de discurso espontâneo e coloquial do PE. Nas subsecções seguintes, fornecemos informações mais detalhadas sobre a nossa base de dados, a metodologia de codificação dos dados e a análise estatística.

4.1. O corpus considerado

Os dados do presente trabalho foram recolhidos a partir do Corpus Dialetal para o Estudo da Sintaxe (CORDIAL-SIN).² Este corpus é um corpus oral constituído por aproximadamente de 1 milhão de palavras de dialetos do PE. Contém transcrições de gravações do Arquivo Sonoro do Grupo de Dialetologia e Diacronia do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL), obtidas em 42 regiões do continente e dos arquipélagos dos Açores e da Madeira, entre 1972 e 2004 (Martins, 2000).

4.2. Metodologia

Foram recolhidas do corpus CORDIAL-SIN 9773 extratos de diferentes dialetos,³ considerando frases com verbos transitivos. A escolha desses verbos foi baseada na sua conformidade com as características dos verbos transitivos regulares. Especificamente, era crucial que não incluíssem nenhum argumento-sombra ('shadow arguments', conforme definido por Pustejovsky, 2000).

As frases foram agrupadas com base no facto de o objeto estar presente (como um sintagma nominal, um clítico ou um pronome) ou ausente. 704 frases contendo objetos clíticos e nulos foram submetidas a uma análise detalhada: 391 continham clíticos e 313 objetos definidos nulos.

Cada uma destas frases foi então analisada em função de quatro fatores com dois valores cada:

- a) *função sintática do antecedente*: sujeito ou não-sujeito,
- b) *menção explícita e ocorrência recente do antecedente*: explícito ou nulo, recente ou não recente,
- c) *realização ou omissão do sujeito na mesma frase*: explícito ou nulo, e
- d) *continuação da referência*: sem menção ou com menção explícita (como sujeito ou não-sujeito) na frase posterior.

Em seguida, apresentamos os resultados para cada fator analisado.

4.3. Resultados

4.3.1. A função sintática do antecedente

Passando à análise dos resultados do corpus, vamos analisar o primeiro fator – a função sintática do antecedente. Como descrito acima, este fator pode ter dois valores possíveis: sujeito ou não-sujeito. A análise dos dados mostra que os objetos nulos e os clíticos têm uma clara preferência por antecedentes em posições

² <https://www.linguateca.pt/acesso/corpus.php?corpus=CORDIAL-SIN>

³ Estes dialetos são AAL (Portalegre), AJT (Braga), ALC (Faro), CBV (Portalegre), CDR (Horta), CLC (Funchal), CLH (Angra do Heroísmo), COV (Aveiro), CPT (Évora), CRV (Horta), CTL (Viana do Castelo), EXB (Lisboa).

não-sujeitas. Especificamente, cerca de 62% dos objetos nulos e 68% dos clíticos apresentam esta tendência, como indicado na Tabela 1.

Tabela 1. A função sintática do antecedente

	Não-sujeito	Sujeito	Total
Clíticos	266 68%	125 32%	391 100%
Objetos nulos	193 61.7%	120 38.3%	313 100%

Os exemplos seguintes ilustram os resultados. Nos exemplos (10) e (11), o objeto nulo e o clítico têm um antecedente na posição de objeto, em (12) e (13) o antecedente desempenha a função do sujeito.

- (10) Antecedente não-sujeito (objeto nulo)
Paga a gente **as contribuições**; manda __ pelo correio. (AAL67-2)
- (11) Antecedente não-sujeito (clítico)
As pessoas usavam **pouca língua** não é porque não **a** gostassem de **a** comer, é porque precisavam do dinheirinho e era uma maneira de fazer o dinheiro. (CDR11-5)
- (12) Antecedente sujeito (objeto nulo)
A canastra está cheia, vão levar __ para uma tina que está em cima dum carro. (ALC16-62)
- (13) Antecedente sujeito (clítico)
Se lá cair **a lama** para dentro do ribeiro, vocês depois têm que **a** ir tirar. (CBV17-6)

Os resultados implicam que, quando ocorre um objeto nulo ou um clítico numa frase, há uma probabilidade substancial de que a entidade referida tenha a função dum objeto no contexto anterior.

Os resultados provenientes do corpus confirmam então a tendência para o paralelismo sintático na seleção dos antecedentes tanto para objetos nulos como para clíticos. Estes resultados confirmam as pesquisas anteriores conduzidas por Arnold (2003) para o mapudungun e Chambers e Smyth (1998) para o inglês e japonês, fornecendo apoio adicional à noção de que padrões sintáticos semelhantes governam a seleção de antecedentes em diferentes línguas.

4.3.2. Menção explícita e recente do antecedente

Para explorar o segundo fator, relativo à menção explícita e recente do antecedente, a análise examinou i) se o antecedente de um objeto nulo ou de um clítico foi explicitamente realizado ou não e ii) a distância do antecedente no discurso precedente. A Tabela 2 apresenta os resultados acerca da explicitude do antecedente imediatamente anterior. Note-se que, quando o antecedente não é realizado (assinalado como nulo na tabela), significa que não foi realizado foneticamente, mas continua sintaticamente presente, tal como os sujeitos nulos ou outros objetos nulos.

O que se destaca dos dados da Tabela 2 é que tanto os objetos nulos como os clíticos se referem frequentemente a um antecedente anteriormente mencionado de forma explícita.

Tabela 2. A explicitude do antecedente

	Nulo	Explícito	Total
Clíticos	53 13.6%	338 86.4%	391 100%
Objetos nulos	55 17.6%	258 82.4%	313 100%

De facto, o número dos antecedentes explicitamente realizados é bastante elevado: cerca de 82% das ocorrências envolvendo objetos nulos e cerca de 86% envolvendo clíticos mostram uma ligação direta a um antecedente explicitamente mencionado, como ilustrado em (14) e (15). Nos exemplos (16) e (17), o antecedente imediato de um objeto nulo ou clítico é um sujeito nulo/objeto nulo, havendo um antecedente explícito no discurso mais distante.

- (14) Menção explícita do antecedente (objeto nulo)
Vêm aqui buscar **as azeitonas**, levam __ON para o lagar, e em depois, metia-lhe de maquia doze por cento. (AAL22-15)
- (15) Menção explícita do antecedente (clítico)
Que eu não gostava de **arroz de bacalhau**, e em ela **o** fazendo até cheirava! (AJT09-14)
- (16) Menção nula do antecedente (objeto nulo)
INF: Está a fazer **a pilha da cortiça**.
INQ1 E depois para, para se carregar tem de se fazer o quê?
INF Depois **aquilo** é carregado com camionetes. __SN É carregada para lá...
INQ1 E depois...
INF Está um homem também a arrumar __ON em cima da camionete. (ALC18-8)
- (17) Menção nula do antecedente (clítico)
INQ: Ia lá levar **o azeite** para lá?
INF: Íamos levar aqui. Íamos buscar __ON lá para cá. Pois. Íamos buscar ali, aonde lhe chamam as Hortas, Porto de Roque. Aí é que **o** íamos buscar, de noite, às escuras – noites muito escuras!
(AAL66-6)

A Tabela 3 mostra a distribuição dos antecedentes recentes e não recentes. Os antecedentes recentes referem-se aos casos em que o antecedente fonologicamente realizado ou não aparece na mesma frase que o objeto nulo ou o clítico, ou na frase imediatamente anterior. Por outro lado, os antecedentes não recentes ocorrem quando o antecedente aparece duas ou mais frases antes do objeto nulo ou do clítico.

Tabela 3. A distância referencial

	Recente	Não recente	Total
Clíticos	296 75.7%	95 24.3%	391 100%
Objetos nulos	225 71.9%	88 28.1%	313 100%

Torna-se claro que em cerca de três quartos dos casos, o antecedente do objeto nulo e do clítico encontra-se na mesma frase ou na frase imediatamente anterior.

Isto confirma a hipótese que os objetos nulos – e também os clíticos - requerem um antecedente discursivo saliente, preferencialmente ocorrendo na mesma frase ou na frase anterior.

4.3.3. Realização ou omissão do sujeito na mesma frase

Ao prosseguir com a análise do terceiro fator neste estudo, estamos examinando a explicitude do sujeito na mesma frase em que um objeto nulo ou um clítico está presente. O objetivo desta análise é determinar se os objetos nulos ocorrem em PE com sujeitos realizados ou com sujeitos nulos, ou seja, se o licenciamento de um objeto nulo, como no polaco, é determinado pela realização do sujeito na mesma frase.

É interessante notar que cerca de 57% das frases que incluem um clítico e aproximadamente 60% das frases que contêm um objeto nulo têm um sujeito nulo, conforme evidenciado na Tabela 4.

Tabela 4. A explicitude do sujeito

	Nulo	Explícito	Total
Clíticos	223 57%	168 43%	391 100%
Objetos nulos	187 59.7%	126 40.3%	313 100%

As duas frases seguintes ilustram as duas opções. O exemplo (18) apresenta uma frase com um objeto nulo e um sujeito explícito, enquanto na frase (19), o sujeito é nulo.

(18) Sujeito explícito (objeto nulo)

Muitos chegaram a trabalhar para mim, e à noite já precisavam **do dinheiro** para comer e *eu* dava *eu*. (ALC06-11)

(19) Sujeito nulo (objeto nulo)

eu Vêm aqui buscar **as azeitonas**, *eu* *SN* levam *eu* *ON* para o lagar, e em depois, metia-lhe de maquia doze por cento. (AAL22-15)

No entanto, vale ressaltar que nos restantes 40% dos casos, há um sujeito realizado. Isso sugere que no PE é possível que um objeto nulo surja numa frase em que o sujeito é explicitamente mencionado, o que contrasta com a restrição observada no polaco e no sueco, como discutido no capítulo 2. Mais uma vez, os clíticos mostram a mesma tendência que os objetos nulos.

4.3.4. A continuação da referência

O último fator que examinamos neste trabalho é a continuidade da referência. Neste caso, avaliamos a frequência com que o referente é continuado na frase seguinte. Os resultados mostram que a entidade referida por um clítico ou um objeto nulo é tipicamente não mencionada no discurso seguinte. Isto diz respeito à 63% das instâncias que envolvem um clítico e 71% das instâncias que envolvem um objeto nulo, como mostra a Tabela 5.

Tabela 5. A continuação da referência

	Não	Sim	Total
Clíticos	247 63%	144 37%	391 100%
Objetos nulos	223 71%	90 29%	313 100%

Além disso, investigamos a função sintática e a explicitude das entidades que continuam a referência no contexto subsequente. Como mostra a Tabela 6, trata-se, predominantemente, de um objeto ou de um sujeito explícito. Quando a referência é nula, tende a ser um sujeito nulo no caso dos clíticos e um objeto nulo no caso dos objetos nulos.

Tabela 6. A função sintática da seguinte menção

	Não-sujeito explícito	Sujeito explícito	Objeto nulo	Sujeito nulo	Total
Clíticos	62 43%	46 32%	9 6%	27 19%	144 100%
Objetos nulos	41 45.6%	25 27.8%	14 15.6%	10 11%	90 100%

(20) Continuação da referência (objeto nulo)

A **canastra** está cheia, vão levar __ON para uma tina que está em cima dum carro. E depois o carro vai transportar __ON para a adega. (ALC16-62)

(21) Continuação da referência (clítico) – sujeito nulo

INQ2 Para que é que as pessoas matam **os pássaros**?

INF1 Então e o que é que você quer?! É para **os** comerem! Matam-**nos** para **os** comerem!

INF2 __SN (Tem) muitas raças! (AJT15-5)

Resumindo os resultados obtidos a partir do estudo do corpus, é evidente que tanto os objetos nulos como os clíticos preferem consistentemente antecedentes que ocupam a posição de objeto e aqueles que são explicitamente realizados no discurso imediatamente anterior. Além disso, tanto os objetos nulos como os clíticos não concorrem com um sujeito explícito na mesma frase, e não mostram persistência catafórica. Na secção seguinte, será feita uma análise estatística para avaliar se existem diferenças estatisticamente significativas entre os objetos nulos e os clíticos.

4.3.5. A análise estatística

Os dados foram submetidos a uma análise estatística utilizando um modelo linear generalizado (glm) em R, com o objeto nulo e o clítico como variáveis dependentes. Os quatro fatores discutidos foram codificados como variáveis independentes. A Tabela T ilustra os resultados desta análise, fornecendo uma visão do impacto destes fatores na realização dos objetos nulos em comparação com os clíticos.

Tabela 7. Análise estatística

	Estimativa	Erro padrão	Valor Z	Pr (> z)
(Intercept)	0.0340	0.2299	0.148	0.8824
Função sintática – Sujeito	0.2791	0.1662	1.680	0.0930
Explicitude do antecedente – Explícito	-0.2128	0.2180	-0.976	0.3289
Explicitude do sujeito – Explícito	-0.1054	0.1557	-0.677	0.4984
Continuação – Sim	-0.3981	0.1644	-2.422	0.0154 *
Códigos de significado:	0 ‘***’	0.001 ‘***’	0.01 ‘*’	0.05 ‘.’

Nota. As estimativas representam as probabilidades logarítmicas de objeto nulo vs. clítico.

No que diz respeito à função sintática do antecedente, o coeficiente estimado de 0,2791 mostra que parece haver uma influência moderadamente positiva na probabilidade de ocorrência de um objeto nulo versus um clítico quando o antecedente assume o papel de sujeito. No entanto, é importante notar que o valor p associado de 0,0930 sugere que este efeito não tem significado estatístico ao nível padrão de 0,05.

No que diz respeito à menção explícita e recente do antecedente, o coeficiente estimado de -0,2128 implica que a ocorrência de um antecedente explicitamente mencionado tende a diminuir a probabilidade de optar por um objeto nulo em comparação a um pronome clítico. No entanto, este efeito não tem significância estatística (valor p = 0,3289). Essencialmente, a menção explícita do antecedente não influencia fortemente a escolha entre um objeto nulo e um clítico.

O coeficiente negativo relacionado com a explicitude do sujeito indica uma ligeira diminuição da probabilidade de selecionar um objeto nulo em vez de um clítico quando o sujeito é realizado. No entanto, à semelhança dos fatores anteriores, este efeito também não é estatisticamente significativo (valor p = 0,4984). Assim, a realização explícita do sujeito na mesma frase não influencia significativamente a escolha entre objetos nulos e clíticos.

Passando ao quarto fator – continuação da referência - o valor "sim" indica a continuidade da referência na frase seguinte. A estimativa negativa, associada a um valor p significativo de 0,0154, sugere uma diminuição notável e significativa da probabilidade de preferir um objeto nulo a um clítico quando a referência é continuada na frase seguinte.

Resumindo, embora algumas variáveis apresentem tendências para influenciar a escolha entre objetos nulos e clíticos, o único preditor que apresenta significância estatística nesta análise é a variável "Continuação da referência". Isto evidencia que os objetos nulos e os clíticos são mais semelhantes na escolha do antecedente do que inicialmente previsto, só diferindo na sua persistência catafórica.

5. Discussão

A seguir, discutiremos os nossos resultados de maneira mais detalhada em relação às perguntas de pesquisa e hipóteses mencionados no capítulo 3.

Para responder à RQ1, ao explorar a função sintática do antecedente, emerge uma distinção notável na preferência entre sujeitos nulos por um lado e objetos nulos e clíticos por outro. Mais precisamente, tanto objetos nulos quanto clíticos demonstram uma forte preferência por selecionar um antecedente que ocupa a posição de objeto e não de um sujeito. Isto evidencia que o conceito de paralelismo estrutural parece exercer uma influência mais significativa do que a alta acessibilidade de um sujeito anteriormente mencionado nas escolhas referenciais dos objetos nulos e dos clíticos. É também interessante verificar que não existem as mesmas diferenças entre objetos nulos e clíticos que existem entre sujeitos pronominais explícitos e nulos. O facto de os objectos nulos e os clíticos serem mais semelhantes do que os sujeitos nulos e os pronomes sujeitos explícitos pode certamente ser atribuído ao facto de os clíticos, ao contrário dos pronomes sujeitos, serem elementos fonologicamente fracos. No entanto, é interessante notar que os objetos nulos e os clíticos apresentam uma diferença gradual no que diz respeito ao efeito do paralelismo sintático. A análise revela que os clíticos manifestam uma preferência ligeiramente mais robusta por antecedentes em posições de objeto em comparação com os objetos nulos. Embora essa diferença não seja estatisticamente significativa, ela poderia indicar que a tendência para o paralelismo sintático na referência pronominal, ilustrada no exemplo (3), que se aplica a ambas as formas (nula e clítica) é ligeiramente atenuada no caso dos objetos nulos devido a uma influência mais pronunciada da acessibilidade do referente do sujeito precedente.

No que diz respeito à explicitude e distância do antecedente, os resultados do presente estudo validam a observação de que, no PE, tanto os objetos nulos como os clíticos demonstram uma preferência por antecedentes que foram explicitamente mencionados e que se encontram na mesma frase ou na frase imediatamente anterior. Este facto alinha-se de forma consistente à investigação anterior conduzida por Rinke *et al.* (2019) e Flores *et al.* (2020). Como mostram os resultados destes estudos, tanto os clíticos como os objetos nulos aparecem em contextos nos quais um referente é mencionado no discurso imediatamente anterior. Permanece em aberto se os objetos nulos são apenas possíveis nestes contextos, como proposto por Costa *et al.* (2009). Embora haja uma forte tendência para a menção aberta do antecedente, existem exemplos isolados nos quais os objetos nulos ocorrem mesmo quando o antecedente não é mencionado imediatamente antes (22). Parece, portanto, que esta generalização representa uma forte tendência, mas talvez não seja um critério categórico.

(22) **As morcelas**, como é que se comem? Com pãozinho. Fritas ou cozidas, quem gosta. E é com pão. Também há pessoas que comem __ON com batata. Mas eu não gosto. (CRV03-45)

No que diz respeito à realização do sujeito na mesma frase, observa-se um resultado surpreendente. Os objetos nulos não apresentam uma tendência clara e ocorrem tanto com um sujeito explícito quanto sem sujeito realizado. Nesse aspeto, o PE difere de línguas como o polaco e o sueco. Como discutido no capítulo 2, no sueco e polaco, a presença de um sujeito realizado na mesma frase pode resultar na inaceitabilidade gramatical de construções de omissão de tópico (ver Sigurdsson, 2011; Sopata, 2016). Sigurdsson (2011) propõe uma

explicação sintática para esse fenómeno, explicando que um sujeito explícito interfere na ligação C/Edge de um objeto nulo – mas não de um objeto pronominal explícito. Os nossos dados indicam que, no caso do PE, não há tal divergência entre um pronome clítico e um objeto nulo. Acerca da análise sintática do objeto nulo no PE isso favorece a ideia de que os clíticos e os objetos nulos são equivalentes do ponto de vista sintático.⁴

Em relação à continuação da referência, observa-se um padrão distinto no comportamento dos sujeitos nulos em comparação aos objetos nulos e clíticos. Os sujeitos nulos exibem uma tendência para participar em longas cadeias de tópicos, caracterizadas pela presença consecutiva de mais sujeitos nulos referencialmente idênticos (Givón 1983). Isto sugere que os sujeitos nulos frequentemente mantêm uma presença persistente no discurso, contribuindo para uma cadeia referencial ampla e coesa. Os objetos nulos e os clíticos desviam desse padrão e não demonstram uma tendência semelhante para persistência em cadeias referenciais. O referente associado a um objeto nulo ou clítico normalmente não é continuado em frases subsequentes. Quando é realizado, é reintroduzido por um SN lexical, o que indica que o referente é menos acessível no discurso subsequente. Não temos uma boa explicação porque é que existe uma diferença estatisticamente significativa entre os objetos nulos e os clíticos acerca da continuação da referência. No entanto, é compreensível, que ambas as formas mostram uma tendência de não formar longas cadeias referenciais, na medida em que se trata de referentes de objeto. Quando os referentes dos objetos nulos ou clíticos são continuados, eles são, novamente, continuados como objetos devido à tendência anteriormente mencionada para o paralelismo sintático. No entanto, continuação de um tópico como objeto é menos provável porque os referentes de objeto só representam tópicos em casos marcados. Portanto, os referentes dos objetos nulos ou clíticos geralmente não representam tópicos contínuos. Nos casos em que são continuados, são geralmente reintroduzidos por um SN lexical, seja como objeto ou sujeito. Apenas em alguns raros casos são continuados como objetos ou sujeitos nulos.

6. Sumário

Este estudo teve como objetivo descobrir o que determina pragmaticamente o uso de objetos nulos e clíticos em PE. Partido da premissa de que a escolha entre diferentes expressões referenciais nominais é determinada pelo grau de acessibilidade do respetivo referente no discurso, conduzimos uma análise de corpus para examinar vários fatores que determinam a acessibilidade dos referentes: a função sintática do antecedente, a menção explícita e recente do antecedente-referente, a realização ou omissão do sujeito na mesma frase e continuação da referência.

Os resultados indicam que tanto os objetos nulos quanto os pronomes clíticos são marcadores de alta acessibilidade, referindo-se a referentes mencionados recentemente e de forma explícita no discurso. Ambos mostram a tendência sintática paralela possivelmente universal para pronomes de objeto, ao referirem-se a referentes de objeto mencionados anteriormente. Essa tendência é ligeiramente atenuada no caso dos objetos nulos, possivelmente porque a maior proeminência do referente do sujeito precedente tem mais relevância no caso dos objetos nulos.

Os objetos nulos e os clíticos ocorrem tanto com sujeitos realizados quanto com nulos, indicando que um sujeito realizado em PE não intervém na ligação referencial, e objetos nulos e clíticos representam alternativas sintáticas nesse aspeto.

Também notamos uma ausência de cadeias referenciais prolongadas e ininterruptas para os objetos nulos e clíticos, o que implica uma função pragmática e referencial distinta para esses elementos em comparação com os sujeitos nulos no PE. Enquanto os sujeitos nulos e os pronomes sujeitos explícitos diferem claramente nas suas propriedades pragmáticas, como demonstrado em muitos estudos, os resultados do nosso estudo mostram que os objetos nulos e os clíticos mostram apenas diferenças graduais em termos da acessibilidade do referente.

⁴ Como foi notado por um revisor anónimo, este resultado também tem consequências sintáticas: o facto de a intervenção não ter consequências para a aceitabilidade no português pode estar relacionado com o facto de os sujeitos pré-verbais em português ocuparem uma posição A, enquanto em polaco e sueco poderiam ocupar uma posição A' (de tópico). Assim, uma vez que os sujeitos no português não intervêm, tanto os clíticos como os objetos nulos poderiam estar ligados a um tópico vazio numa posição periférica.

Referências

- Ariel, Mira (1988) Referring and accessibility. *Journal of Linguistics* 24 (1), pp. 65–87. <https://doi.org/10.1017/S0022226700011567>
- Ariel, Mira (1990) Accessing noun-phrase antecedents. Routledge.
- Ariel, Mira (1991) The function of accessibility in a theory of grammar. *Journal of Pragmatics* 16, pp. 443–463. [https://doi.org/10.1016/0378-2166\(91\)90136-L](https://doi.org/10.1016/0378-2166(91)90136-L)
- Ariel, Mira (2001) Accessibility theory: an overview. In Ted Sanders, Jost Schilperoord, & Wilbert Spooren (orgs.), *Text representation: Linguistic and psycholinguistic aspects*. John Benjamins, pp. 29–88. <https://doi.org/10.1075/hcp.8.04ari>
- Arnold, Jennifer, Anthony Losongco, Thomas Wasow & Ryan Ginstrom (2000) Heaviness vs. newness: The effects of structural complexity and discourse status on constituent ordering. *Language* 76 (1), pp. 28–55. <https://doi.org/10.1353/lan.2000.0045>
- Arnold, Jennifer (2003) Multiple constraints on choice of reference: Null, pronominal, and overt reference in Mapudungun. In John Du Bois, Lorraine Kumpf & William Ashby (orgs.), *Preferred argument structure: Grammar as architecture for function*. John Benjamins, pp. 225–245. <https://doi.org/10.1075/sidag.14.11arn>
- Barbosa, Pilar (2019) pro as a minimal nP: Toward a unified approach to pro-drop. *Linguistic Inquiry* 50 (3), pp. 487–526. https://doi.org/10.1162/ling_a_00312
- Brennan, Susan, Marilyn Friedman & Carl Pollard (1987) A centering approach to pronouns. In *Proceedings of the 25th annual meeting of the Association for Computational Linguistics*. Association for Computational Linguistics, pp. 155–162. <https://doi.org/10.3115/981175.981197>
- Brennan, Susan (1995) Centering attention in discourse. *Language and cognitive processes* 10, pp. 137–167. <https://doi.org/10.1080/01690969508407091>
- Calabrese, Andrea (1986) Some properties of the Italian pronominal system: An analysis based on the notion of thema as subject of predication. In Harro Stammerjohann (org.), *Tema-Rema in Italiano*. Gunter Narr Verlag, pp. 25–36.
- Caminati, Maria (2002) *The processing of Italian subject pronouns*. Tese de Doutorado, University of Massachusetts at Amherst, EUA.
- Chambers, Craig & Ron Smyth (1998) Structural parallelism and discourse coherence: a test of centering theory. *Journal of memory and language* 39, pp. 593–608. <https://doi.org/10.1006/jmla.1998.2575>
- Clancy, Patricia (1980) Referential choice in English and Japanese narrative discourse. In Wallace Chafe (org.), *The pear stories: cognitive, cultural, and linguistic aspects of narrative production*. Ablex Publ. Co, pp. 127–202.
- Costa, João & Maria Lobo (2007) Clitic omission, null objects or both in the acquisition of European Portuguese? In Sergio Baauw, Frank Drijkoningen & Manuela Pinto (orgs.), *Romance Languages and Linguistic Theory 2005*. John Benjamins, pp. 59–71. <https://doi.org/10.1075/cilt.291.06cos>
- Costa, João, Maria Lobo & Carolina Silva (2009) Null objects and early pragmatics in the acquisition of European Portuguese. *Probus* 21 (2), pp. 143–162. <https://doi.org/10.1515/prbs.2009.005>
- Flores, Cristina, Esther Rinke & Aldona Sopata (2020) Acquiring the distribution of null and overt direct objects in European Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics* 19 (1), pp. 5–20. <https://doi.org/10.5334/jpl.239>
- Frascarelli, Mara (2007) Subjects, Topics and the interpretation of referential pro. An interface approach to the linking of (null) pronouns. *Natural Language and Linguistic Theory* 25, pp. 691–734.
- Givón, Talmy (1983) Topic continuity in discourse: a quantitative cross-language study. John Benjamins.
- Grober, Ellen, William Beardsley & Alfonso Caramazza (1978) Parallel function strategy in pronoun assignment. *Cognition* 6, pp. 117–133. [https://doi.org/10.1016/0010-0277\(78\)90018-5](https://doi.org/10.1016/0010-0277(78)90018-5)
- Kato, Maria & Eduardo Raposo (2005) Objetos e artigos nulos: similaridades e diferenças entre o português europeu e o português brasileiro. In Denilda Moura & Jair Farias (orgs.), *Reflexões sobre a sintaxe do português*. Edufal, pp. 73–98.

- Lobo, Maria & Carolina Silva (2016) Ambiguidade pronominal em orações adverbiais do português europeu: crianças vs. Adultos. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística* 2, pp. 319–338. <https://doi.org/10.26334/2183-9077/rapln2ano2016a14>
- Martins, Ana Maria [2000–] CORDIAL-SIN: Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe / Syntax-oriented Corpus of Portuguese Dialects. Lisboa, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Disponível em <http://www.clul.ulisboa.pt/en/10-research/314-cordial-s>
- O'Brien, Edward & Jason Albrecht (1991) The role of context in accessing antecedents in text. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition* 17 (1), pp. 94–102. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/0278-7393.17.1.94>
- Pustejovsky, James (2000) Lexical shadowing and argument closure. In Yael Ravin & Claudia Leacock (orgs.), *Polysemy. Theoretical and computational approaches*. Oxford University Press, pp. 68–90. <http://dx.doi.org/10.1093/oso/9780198238423.003.0004>
- Raposo, Eduardo (1986) On the null object in European Portuguese. In Osvaldo Jaeggli & Carmen Silva-Corvalán (orgs.), *Studies in Romance Linguistics*. Foris, pp. 373–390. <https://doi.org/10.1515/9783110878516-024>
- Raposo, Eduardo (2004) Objectos nulos e CLLD: Uma teoria unificada. *Revista da ABRALIN* 3, pp. 41–73.
- Rinke, Esther, Cristina Flores & Pilar Barbosa (2018) Null objects in the spontaneous speech of monolingual and bilingual speakers of European Portuguese. *Probus, International Journal of Latin and Romance Linguistics* 30 (1), pp. 93–120. <https://doi.org/10.1515/probus-2017-0004>
- Rinke, Esther, Cristina Flores & Aldona Sopata (2019) Heritage Portuguese and Heritage Polish in contact with German. More evidence on the production of objects, *Languages* 4 (3), 53.
- Rinke, Esther (2021). Animacy restrictions on null objects in European Portuguese [manuscrito submetido para publicação].
- Serratrice, Ludovica (2007) Referential cohesion in the narratives of bilingual English–Italian children and monolingual peers. *Journal of Pragmatics* 39 (6), pp. 1058–1087. <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2006.10.001>
- Sheldon, Amy (1974) The role of parallel function in the acquisition of relative clauses in English. In *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior* 13 (3), pp. 272–281. [https://doi.org/10.1016/S0022-5371\(74\)80064-2](https://doi.org/10.1016/S0022-5371(74)80064-2)
- Sigurðsson, Halldór (2011) Conditions on argument drop. *Linguistic Inquiry* 42, pp. 267–304. https://doi.org/10.1162/LING_a_00042
- Sopata, Aldona (2016) Null objects in adult and child Polish: Syntax, discourse and pragmatics. *Lingua* 183, pp. 83–106. <https://doi.org/10.1016/j.lingua.2016.05.007>
- Sopata, Aldona (2017) On the C/edge linking mechanism. Evidence from Polish. *Lingua Posnaniensis* 59 (2), pp. 87–100. <https://doi.org/10.1515/linpo-2017-0014>